

Dinheiro na captação a 300%

CECILIA PLESE
Correspondente

São Paulo — O custo do dinheiro na ponta de captação (renda ao investidor) está se aproximando dos níveis de 300% ao ano. Nesse sentido, a expectativa dos operadores do mercado financeiro é a de que os índices de inflação não deverão ficar em 84, muito longe disso, pois não há qualquer indicação de que o setor venha a se adaptar a curto prazo às novas decisões aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional. A iliquidez e a insegurança por elas geradas impedem a anulação de seus efeitos traumáticos, tornando o futuro do mercado financeiro "obscuro, já que não se vislumbra qualquer luz no fim do túnel". "Não há tendência de adaptação de qualquer ordem, garantem os operadores, pois estamos vivendo sob intensa pressão".

Eles apoiaram a disposição dos fundos fechados de pensão de recorrer à Justiça contra a obrigatoriedade de aplicação de 45% do total de recursos de suas carteiras em papéis do Governo, acrescentando que essa atitude deveria servir de exemplo e ser copiada pelos demais segmentos do mercado. O ambiente geral é de revolta, sublinham, pois as medidas adotadas

dade dessas informações. Não foi à toa que o nível de atividade da indústria paulista em julho, apresentou um crescimento de 8,4%, afirmaram, mas depois da reunião do Conselho Monetário, o pessimismo voltou a tomar conta do empresário, porque com o estrangulamento da iniciativa privada, não há perspectivas de um futuro melhor.

Ontem o mercado financeiro já trabalhou com um pouco mais de serenidade do que no dia anterior. A queda do índice Bovespa vem se reduzindo ao longo da semana, o que aponta para uma leve recuperação do mercado acionário. O dólar do paralelo parece estar se estabilizando na faixa de 40% em relação ao valor oficial. Os recursos anteriormente canalizados para operações em bolsa e que pareciam cada vez mais destinados a aplicações em ouro e no **black** caminham para um retorno à posição de última forma, de maneira que a alavancagem desses dois segmentos não deverá continuar. E o que é mais importante. O dia amanheceu sem as agitações políticas que caracterizaram as atividades financeiras na terça-feira. Já se sabia que o Presidente da República não seria submetido a nenhuma cirurgia devido ao seu pro-

pelo CMN, são sem dúvida alguma inconstitucionais. O governo deixou de agir como controlador das irregularidades de mercado para atuar como ditador. Preocupado com suas necessidades de caixa, de cumprimento das bases firmadas com o FMI na sexta carta de intenções e de controle da expansão da base monetária, ele está abolindo a concorrência privada do mercado financeiro", ressaltaram, embora isso não devesse surpreender ninguém, pois não passa do rolário de medidas que vem sendo tomadas de 3 anos para cá.

Há um mês atrás, observaram, falava-se bastante em crescimento econômico, em reaquecimento do setor industrial e em redução do desemprego. E o mercado financeiro, o grande termômetro da economia, contabilizou nos meses de julho e agosto uma grande movimentação de recursos que pareciam comprovar a veraci-

blema na coluna. Já se sabia que não haveria uma crise institucional, visando a substituição interina de Figueiredo pelo vice Aureliano Chaves, hoje comprometido com a Frente Liberal. Também já se tinha conhecimento de que nem o líder do governo na Câmara, Nelson Marchezan, nem o ministro Leitão de Abreu, chefe da Casa Civil, renunciaram. Da mesma forma, não mais se esperava, em função desse quadro, o esvaziamento da candidatura Maluf com o conseqüente fortalecimento da candidatura Tancredo.

A intranquilidade gerada pela expectativa da fala de Figueiredo fez com que o custo médio do dinheiro no **overnight** ficasse entre 17,40 e 17,50%, o nível de taxas de juros para papéis pré-fixados se situasse em torno de 260 a 275% ao ano e o de papéis com correção monetária, na faixa de juros de 21 a 24%.